

CAPÍTULO UM

(Novembro de 1942 – Julho de 1962)

VOODOO CHILD

Well, the night I was born
Lord, I swear the moon turned a fire red.
Well, my poor mother cried out
“Lord, the gypsy was right”
And I see’d her fell down right dead...*

* De “Voodoo Chile”: “Olha, na noite em que nasci/ Senhor, eu juro que a lua ficou vermelha como o fogo./ Olha, minha pobre mãe gritou:/ ‘Senhor, a cigana estava certa’/ E eu vi ela cair morta no chão..”



NASCI EM SEATTLE, Washington, EUA, em 27 de novembro de 1942, com zero ano de idade.

Lembro que uma enfermeira me pôs uma fralda e quase me espetou. Eu devia estar doente no hospital, devia estar com alguma doença, porque lembro que não me sentia muito bem. Depois, ela me tirou do berço e me ergueu diante da janela para me mostrar alguma coisa no céu. Eram fogos. Devia ser 4 de Julho. Aquela enfermeira me deixou ligado, eu estava viajando na penicilina que ela me deu e olhava para cima e o céu estava tão...

SsschuusssSchush

É nossa primeira viagem!

Lembro também de quando eu era tão pequeno que cabia num cesto de roupas. E de quando tinha só quatro anos e fiz xixi na calça e fiquei horas lá fora na chuva até ficar todo molhado, para que mamãe não descobrisse. Mas ela descobriu.

Papai era muito rígido e centrado, já mamãe gostava de se vestir bem e de se divertir. Ela bebia muito e não se cuidava, mas era uma mãe fantástica. O casamento deles era problemático. Estavam sempre se separando, e, quando isso acontecia, meu irmão e eu íamos para casas diferentes. Na maioria das vezes, eu ficava na casa da minha tia e da minha avó. Era preciso estar sempre preparado para me mandar para o Canadá.

Minha avó é índia, tem sangue cherokee. Muita gente em Seattle tem sangue indígena. É apenas mais uma parte da família, só isso.

Eu passava muito tempo na reserva dela em Vancouver, na Colúmbia Britânica. Tem um montão deles lá, cara, era uma coisa terrível. Todas as casas são iguais, e nem são bem casas, são mais cabanas. É uma cena triste. Metade deles fica jogada na sarjeta, bebendo, completamente fora de si. E eles ficam lá sem fazer nada. Aquilo me deixava tão perturbado que eu nem... nem ligava mais quando um professor dizia que os índios não prestavam! Quer dizer, em outras palavras: “Nenhum índio presta, todos têm gonorreia!”

Hoje minha avó mora num apartamento incrível em Vancouver. Tem televisão, rádio e tudo o mais. Mas ela continua com os longos cabelos brancos.

Quando eu era pequeno, ela me contava histórias bonitas de índios, e meus colegas de escola riam quando eu usava aqueles xales e ponchos que ela fazia. Aquela velha história triste, sabe? Ela me deu um casaquinho mexicano com borlas. O casaco era realmente bom, e eu o usava todos os dias na escola, sem me importar com o que os outros pudessem pensar, só porque gostava dele. Eu gostava de ser diferente.

[Al e Lucille Hendrix se divorciaram em dezembro de 1950. Jimmy e seu irmão mais novo, Leon, ficaram com o pai. Jimmy viu a mãe pela última vez em janeiro de 1958. Ela morreu no mês seguinte.]

Quando era bem pequenininho, sonhei que minha mãe estava sendo levada embora por camelos. Era uma grande caravana, e dava para ver as sombras das folhas passando pelo rosto dela. Você já viu como o sol brilha por entre as árvores? Bom, as sombras eram verdes e amarelas. E ela estava me dizendo: “Olha, não vou mais estar tanto tempo com você, sabe? Então, até logo.”

Uns dois anos depois ela morreu. Vou me lembrar daquele sonho para sempre. Nunca me esqueci. Tem sonhos que a gente NUNCA esquece.

PAPAI ERA QUEM cuidava de mim na maior parte do tempo. Ele era religioso e eu frequentava a escola dominical. Ele me ensinou a sempre respeitar os mais velhos. Eu só podia falar se os adultos falassem comigo primeiro. Então, sempre fui muito calado. Mas eu via muita coisa. Em boca fechada não entra mosca.

Papai era jardineiro e já tinha sido eletricitista também. Não éramos muito ricos! No inverno, quando não havia grama para aparar, a coisa ficava feia. Ele cortava meu cabelo igual a uma galinha depenada, e todos os meus amigos me chamavam de “cuca lisa”.

Eu era muito solitário. Toda noite trazia um vira-lata para casa, até que meu pai me deixou ficar com um. E foi o mais feio de todos. Seu nome na verdade era “Prince Hendrix”, mas o chamávamos mesmo de cachorro! Também tive gatos. Adoro animais. Os mais bonitos são os cervos e os cavalos. Eu via muitos cervos nos arredores de Seattle. Um dia, vi um cervo e, por um segundo, senti algo estranho. Era como se eu já o tivesse visto antes. Quer dizer, foi como se, por uma fração de segundo, eu tivesse estabelecido uma relação muito profunda com ele. Eu disse “Espera aí!”, e então a sensação passou.

Fui à escola em Seattle e, depois, em Vancouver, na Colúmbia Britânica, de onde veio minha família. Depois, voltei a Seattle, onde estudei na Garfield High School. No geral, minha escola não era muito rígida. Tínhamos chineses, japoneses, porto-riquenhos, filipinos... Ganhávamos todos os jogos de futebol americano!

Na escola eu escrevia um bocado de poesia, e isso me deixava muito feliz. A maioria dos meus poemas falava de flores, da natureza e de gente vestida com mantos. Eu queria ser ator ou pintor. Gostava, em especial, de pintar cenas de outros planetas – *Tarde de verão em Vênus* e coisas do gênero.

O que mais me empolgava era a ideia das viagens espaciais. A professora dizia “Pintem três cenas”, e eu pintava quadros abstratos, como *Pôr do sol em Marte*, sem brincadeira! Ela me perguntava “Como você está se sentindo?”, e eu dava alguma resposta viajante, como: “Bem, depende de como os caras lá em Marte estão se sentindo.” Eu simplesmente não sabia o que mais poderia dizer. Já não aguentava mais falar: “Bem, obrigado.”

Ela me disse: “Muito bem, por essa você vai ter que vir aqui para a frente.” E eu tinha que ficar lá no canto, como numa motocicleta da Gestapo – o piloto se senta na moto e o comandante no carrinho ao lado. Eu nunca pude me sentar com o resto da turma. Na terceira série, a professora sentava-se ao meu lado e dizia “Que isso sirva de exemplo!”, e, ao mesmo tempo, tocava meus joelhos por baixo da mesa.

Diziam que eu estava sempre atrasado, mas eu só tirava boas notas. O verdadeiro motivo era que eu tinha uma namorada na aula de artes e nós vivíamos o tempo todo de mãos dadas. A professora de artes não engolia isso. Era muito preconceituosa.

Ela disse: “Senhor Hendrix, vejo você no vestiário em três segundos.” No vestiário ela perguntou: “O que você pretende falando assim com aquela branca?” Eu respondi: “Qual o problema, a senhora está com ciúmes?” Ela começou a chorar e eu fui posto para fora. É fácil me fazer chorar.

[Jimmy abandonou a Garfield High School em outubro de 1960, aos dezessete anos.]

Lembro de quando, com delicadeza, me botaram para fora da escola. Disseram que coisa boa eu não era... Fiquei tão orgulhoso que gritei bem alto: “Vá pro inferno, escola ultrapassada!”

A gente espera e espera, e nada nos salva desse destino aborrecido de viver como anjos. Fazendo tudo certo, sem nunca ter que brigar, sem nunca sentir a ânsia de dar o primeiro passo para além da esquina.

Saí da escola cedo. Ela não significava nada para mim. Eu queria que algo me acontecesse. Meu pai me disse para procurar um emprego. E foi o que fiz por algumas semanas. Eu trabalhava pro meu pai. Tinha que trabalhar duro. Carregávamos pedra e cimento o dia inteiro, e a grana ia toda para o bolso dele. Ele não me pagava nada. Simplesmente ficava com todo o dinheiro. Eu não queria trabalhar tanto por tão pouco, então comecei a andar por aí com os garotos.

Às vezes, eu e meus amigos acertávamos um policial, e meia hora depois estávamos metidos numa briga dos infernos. Às vezes, íamos parar na cadeia, mas comíamos muito bem. A maioria dos policiais não valia nada, mas havia uns muito legais. Eles eram mais humanos – não batiam com tanta força, e, então, conseguíamos comer melhor. Mas tudo isso ficou chato demais depois de um tempo.

Para muitos garotos as coisas não são fáceis. Jesus! A vida lá em casa estava insuportável. Fugi mais de uma vez de tão infeliz que estava. Uma dessas vezes foi depois de uma briga feia com meu pai. Ele bateu na minha cara e eu fugi. Quando ele percebeu que eu tinha ido embora, ficou louco de preocupação. Mas eu não me importava com os sentimentos dos outros. Voltei para casa quando vi que meu pai estava incomodado. Não que me importasse, mas, bem, ele era meu pai. Acho que ele nunca imaginou que eu daria certo. Eu era o garoto que fazia tudo errado.

Tears burning me

Tears burning me in my eyes

Way down, way down in my soul.

Tears burning me in my soul...

Well, I gotta leave this town

Gonna be a voodoo chile

And try to be a magic boy.

Come back and buy this town
Come back and buy this town
And put it all in my shoe
*Might even give a piece to you!**

Enquanto eu estava no andar de cima, os adultos davam festas. Escutavam Muddy Waters, Elmore James, Howlin' Wolf e Ray Charles. Aquele som não era nada maligno, só um pouco mais pesado. Depois, eu descia escondido para comer restos de batatas e fumar guimbas de cigarro. No rádio, escutava o Grand Ol' Opry. Eles tinham uns caras bons, uns guitarristas da pesada.

O primeiro guitarrista de que tomei conhecimento foi Muddy Waters. Ouvi um disco dele quando era pequeno e fiquei aterrorizado com todos aqueles sons. Uau! O que era aquilo? Era incrível. Eu gostava de Muddy Waters quando ele só usava duas guitarras, uma harmônica e um bumbo. Eu gostava era de coisas como "Rollin' and Tumblin'" – aquele som de guitarra verdadeiro e primitivo.

Meu pai dançava e tocava colheres. Meu primeiro instrumento foi uma harmônica, que ganhei quando tinha uns quatro anos, acho. O segundo foi um violino. Sempre curti instrumentos de cordas e pianos, mas queria algo que eu pudesse levar para qualquer lugar, e não dava para trazer um piano para casa.

Depois, comecei a me interessar por violões. Parece que todo mundo tinha um em casa. Uma noite, um amigo do meu pai ficou chapado e me vendeu o violão dele por cinco dólares. Eu não sabia que, por ser canhoto,

* De "Hear My Train A Comin' (Get My Heart Back Together)": "As lágrimas me queimam/ As lágrimas me queimam os olhos/ Lá no fundo, bem no fundo da minha alma./ As lágrimas me queimam a alma...// Olha, tenho que sair dessa cidade/ Vou ser uma criança vudu/ Vou tentar ser um menino mágico./ Depois volto e compro a cidade/ Volto e compro a cidade/ Para guardar toda no meu sapato/ E quem sabe dar um pedaço pra você!"

precisava inverter as cordas, mas sentia que alguma coisa não estava certa. Lembro de pensar: “Tem alguma coisa errada aqui.”

Tentei inverter as cordas, mas o violão ficou completamente desafinado. Eu não entendia nada de afinação, por isso fui até a loja e corri os dedos pelas cordas de um violão que eles tinham lá. Depois, consegui afinar o meu.

Eu tinha uns quatorze ou quinze anos quando comecei a tocar violão. Tocava no quintal de casa, e os garotos se juntavam em volta e elogiavam. Depois, me cansei do instrumento e o deixei de lado. Mas ouvir Chuck Berry fez renascer meu interesse.

Aprendi todos os riffs que pude. Nunca fiz nenhuma aula. Aprendi a tocar com os discos e o rádio. Cara, eu amava minha música. Lá em Seattle, ia para a varanda dos fundos, porque não queria ficar o tempo todo dentro de casa, e tocava acompanhando um disco de Muddy Waters. Sabe, nada mais me interessava, só a música. Eu estava tentando tocar como Chuck Berry e Muddy Waters. Queria aprender tudo e mais alguma coisa.

AOS DEZESSETE ANOS, formei uma banda com alguns outros caras, mas o som deles abafava o meu. No início, eu não entendia o que estava acontecendo. Só depois de uns três meses entendi que precisava de uma guitarra elétrica. Minha primeira foi uma Danelectro, comprada por meu pai. Eu já devia ter acabado com ele há muito tempo, mas, primeiro, tinha que mostrar a ele que sabia tocar. Naquela época, acho que eu gostava mesmo era de rock’n’roll. Tocávamos coisas de gente como o Coasters. Seja como for, todo mundo tinha que fazer as mesmas coisas antes de entrar numa banda. Inclusive repetir os mesmos passos. Comecei a procurar lugares para tocar. Lembro que minha primeira apresentação foi num depósito de armas da Guarda Nacional. Cada um dos músicos ganhou 35 centavos e três hambúrgueres.

No começo as coisas não foram nada fáceis para mim. Eu só sabia umas três músicas, e, na hora de subir ao palco, tremia tanto que tinha de tocar

atrás das cortinas. Simplesmente não conseguia ir lá para a frente. A gente se sente tão inseguro. Eu escutava todas aquelas bandas, e os guitarristas sempre pareciam tão melhores do que eu.

É nesse ponto que a maioria desiste. Mas é melhor não parar. Temos que continuar, que seguir em frente. Às vezes, a frustração é tanta que ficamos com ódio da guitarra, mas isso tudo faz parte do aprendizado. Quem persiste é recompensado. Você precisa ser muito teimoso para conseguir o que quer.

Nos meus sonhos, eu via os números um, nove, seis e seis. Tinha a estranha sensação de que havia algum motivo para estar aqui e de que teria a oportunidade de ser ouvido. Me dei bem com a guitarra porque ela era tudo o que eu tinha. Olha, pai, um dia eu vou ser grande, vou ser famoso. Vou chegar lá, cara!

*A little boy inside a dream
Just the other day
His mind fell out of his face
And the wind blew it away.
A hand came out from heaven
And pinned a badge on his chest
And said, get out
There, man,
And do your best.**

[Em maio de 1961, Jimmy foi preso dirigindo um carro roubado. Recebeu uma pena de dois anos com suspensão condicional depois que o defensor público disse ao juiz que ele pretendia se alistar nas forças armadas.]

* De "Astro Man": "Um menininho dentro de um sonho/ Um dia desses/ Deixou a mente cair da cara/ E ser levada pelo vento./ Uma mão veio do céu,/ pregou um distintivo em seu peito/ e disse, vai/ Lá, cara,/ e dê o seu melhor."